





MÁRIO FAUSTINO

NOSSO CIGANO

Lúcio Flávio Pinto
Jornalista





Quando li pela primeira vez Mário Faustino, mais de 35 anos atrás, já conhecia – e amava – Federico Garcia Lorca. Foi impossível não fazer comparações e associações. Eram surpreendentemente parecidos. Primeiro fisicamente: homens morenos, de traços fortes e firmes, suavemente bonitos. Nas personalidades também: ambos eram homossexuais. A homossexualidade, como não podia deixar de ser, era um elemento forte dos seus modos de ser, sobretudo em suas terras natais (ou adotivas). Algo importante para dentro dos dois poetas. Eles nunca assumiram essa sexualidade subversiva, mas também não a negavam.

O mais importante, porém, é que mesmo se desviando do comportamento padrão (e sancionado) e não escondendo essa atitude, sua homossexualidade era um componente harmonioso neles. Ninguém a notava, nem a acusava. Exceto, no caso de Lorca, quando a guerra civil espanhola, em sua fase mais furiosa, a tomou como combustível para um dos seus mais odiosos atos de brutalidade: a execução sumária do poeta.

Mário e Federico eram poetas sensíveis e almas superiores, mas nunca tiraram os pés da terra. Envolveram-se nos dramas dos seus países e tentaram usar suas inteligências a serviço de causas nobres, dando-lhes aplicação coletiva, social. Circularam com a mesma desenvoltura pelo universo das simbolizações e pelo mundo dos homens. Essa rara combinação de vida literária com vida social é o traço que mais me agrada ao lembrar, como muita gente fez, a memória de Mário Faustino dos Santos e Silva, nos 40 anos de sua morte, ocorrida em acidente aéreo, no dia 27 de novembro de 1962.

Podia-se escolher uma data mais festiva: os 70 anos do seu nascimento, que se deu no Piauí, em 22 de outubro de 1930. Vê-se, pelo confronto das duas datas, que Mário esteve entre nós por apenas 32 anos. Mas fez muito, imensamente. Como parecia ter a premonição da vida breve, uma marca de grandes artistas que morreram jovens, tudo que fez tem intensidade, paixão, urgência.

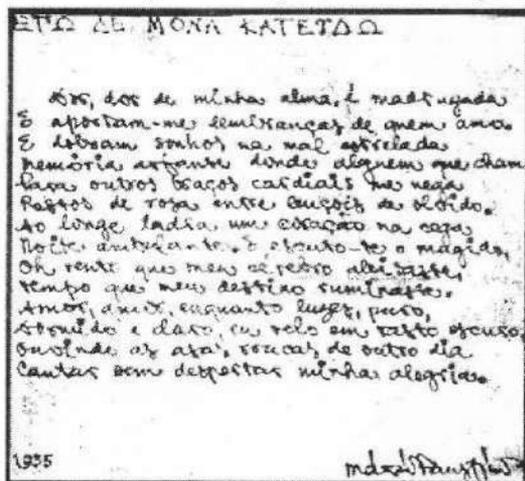
Assim como Guimarães Rosa tremia diante do desafio de ter que assumir a cadeira que o esperava havia anos na Academia Brasileira de Letras (morreu logo depois da solenidade de posse), Mário vivia transferindo a viagem que faria aos Estados Unidos. Quando não mais pôde protelá-la, assumiu o destino: seu corpo estava entre os restos carbonizados do jato da Varig que bateu numa montanha, no Peru. Por vários dos seus poemas perpassa o hálito da morte, indesejado, mas inevitavelmente precoce.

A obra deixada por Mário não se exaure nos seus versos, que são relativamente pouco numerosos, mas carregados de significados, densos de intenções e conquistas. Estudante em Belém, Mário teve uma carreira incomum. Num dos seus últimos anos, tirou 10 em todas as disciplinas. Expressava-se em seis línguas, escrevendo e falando fluentemente em inglês e francês (mas lia e conversava também em espanhol, italiano e alemão).

Enquanto uma perna demandava as criações intelectuais puras, a outra caminhava por terreno mais imediato e pragmático. Aos 16 anos começou a trabalhar, como noticiarista de *A Província do Pará*. Com 19 anos passou para a *Folha do Norte*, jornal que chegou a secretariar, imprimindo sua marca pessoal na excelência da publicação. Durante dois anos, chefiando a Seção de Divulgação da SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, antecessora da SUDAM), patrocinou a publicação, em formato ágil, de alguns dos mais expressivos trabalhos sobre a região.

Em 1956, depois de dois anos nos Estados Unidos e 11 meses na Europa, ele transferiu seus apetrechos para a capital da república. Em seis anos de Rio de Janeiro atraiu interesses, catalisou energias e despejou anátemas e canonizações à vontade, com ou sem razão. Em todas as situações, porém, fez presença com sua inquietação, criando um campo magnético próprio. Mas a terra ficara estreita. Mário precisava se alargar. Daí a decisão de ir mais além, para os Estados Unidos, subindo na carreira que havia iniciado no Brasil, como diretor-adjunto da ONU. Se tivesse conseguido chegar a Nova York outra vez, o que faria Mário Faustino desta vez?

A pergunta ficará sem resposta para sempre. É possível que, com a reedição de sua obra pela Companhia das Letras e a publicação da sua vasta produção inédita, de crítica e jornalismo, quem poderemos nos aproximar de uma resposta mais satisfatória do que o silêncio atual se apresenta, não deixando que a poeira estrelar do poeta se reduza a pó de arquivo. Mário Faustino merece muito mais pelo que fez e nos deixou. Este jornal, incorporando-se ao *revival*, republica o fac-símile do manuscrito de Mário do poema “Ego de Mona Kateda”, datado de 1955, que dedicou ao seu maior amigo, Benedito Nunes.



Fica a letra que deu forma à inventiva do poeta, que morreu para nunca mais morrer.

